

Constituintes criam 'estilos' ao acionar o 'piano' do voto

RICARDO AMARAL
Do Sincural de Brasília

Um ano, quatro meses e 610 votações depois de instalado, o Congresso constituinte ensinou que o exercício do voto não é uma simples escolha entre o "sim", o "não" e a "abstenção". A lógica demonstra que não existe outra opção além dessas três, mas deputados e parlamentares desafiam esse raciocínio cartesiano e fazem do ato de votar uma aventura cheia de possibilidades.

Além da convicção política e ideológica, ou de interesses classistas e corporativos, as luzes do painel eletrônico registram intenções ocultas, desejos inconfessáveis, erros irreparáveis. "Há voto aqui para todo gosto", diz o deputado Paulo Delgado (PT-MG), um dos mais

assíduos frequentadores do plenário. "Só não existe um: o voto errado, aquele do sujeito que queria apertar um botão e apertou outro. E só ter controle motor para acertar".

São apenas três teclas. Em tudo semelhantes às de um piano, e por isso ganham o apelido de pianistas aqueles parlamentares que votam no lugar de um colega. A mão direita aperta uma das três teclas enquanto a esquerda gira uma chave plástica. E realmente bem fácil. Francisco Bocomino, pianista de verdade, que toca no restaurante da Câmara, compara: "Meu piano tem 82 teclas e eu não erro".

A Folha catalogou alguns tipos de voto curiosos que já apareceram no primeiro turno de votação do Congresso constituinte. A seguir, nesta página, veja os principais.

Luiz Novais



CHAGAS USA O 'DEUS TÁ VENDENDO'

Voto 'Deus tá vendendo': Não decide nada, mas serve para o constituinte marcar posição junto ao eleitorado cristão. Na votação do capítulo da Família, o deputado Chagas Duarte apresentou emenda propondo a indissolubilidade do casamento, depois que a maioria votou um acordo facilitando o divórcio. Perdeu por 323 a 54. Mas Deus, e os evangélicos, viram tudo.

Voto a história dirá: É irmão-gêmeo do voto 'Deus tá vendendo'. Só que é de esquerda. Nas causas perdidas, com a estabilidade no emprego aos três meses de trabalho, os líderes do PT, do PCB e do PC do B dão declarações de voto em tudo e por tudo convincentes. Desde que lida por constituintes que ainda vão nascer.

Voto de minerva: Nos meios geriátricos, mais conhecido como 'voto que me enerva'. Foi o primeiro que o deputado Ulysses Guimarães proferiu em todo o Congresso constituinte, desempatando com o seu "não" a isenção de Imposto de Renda para quem chegou à terceira idade. Faltou explicar se o dr. Ulysses ainda não chegou lá ou se já está acima dos idosos.

Voto homenagem: O constituinte não fica satisfeito só em votar. Aproveita para fazer uma declaração de voto, atribuindo à sua decisão o dom de prestar uma homenagem a alguma figura do passado. Márcia Kubitschek, filha do ex-presidente JK, e Aécio Neves, neto de Tancredo, são mestres no voto homenagem.



Luiza Marques

CASAL CAMATA BRIGA NO PLENÁRIO

Voto pau de macarrão: Costuma acontecer na residência do casal senador Gérson e deputada Rita Camata (PMDB-ES). Depois que o marido a convenceu a votar pelo presidencialismo com cinco anos, Rita levantou a crista e tem votado mais à esquerda que o marido conservador. Não dá divórcio. Eles brigam e discutem no plenário (foto) mas acertam tudo na cozinha.

Voto mão-boba: Não vale nem para somar alguma coisa ao total de votos sim ou não. O parlamentar não estava no plenário no momento da votação. Ele chega atrasado e pede que a Mesa registre seu voto em ata. Sempre de acordo com o voto da maioria, que ele já conhece. Del Bosco Amaral (PMDB-SP) estava

ausente na votação do acordo sobre Família, mas marcou presença. Só na ata. Todos erguem a mão no plenário para pedir o registro do voto ao presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães.

Voto Dalva de Oliveira: Também conhecido como voto vigança. É só para fazer raiva, mas pode ter consequências sérias. Muita gente do Centrão, como o deputado José Lourenço, votou pelo tabelamento dos juros. Disseram depois que era uma "retribuição" ao apoio que não tiveram, no capítulo da reforma agrária, de constituintes banqueiros. O banqueiro Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ), por exemplo, é um dos alvos por ter votado com Covas na reforma agrária.

Moreira Mariz — 9.Fev.88



'PIANISTA' VOTA POR SARNEY F?

Voto amigo invisível: O constituinte está ausente de corpo mas tem no plenário um amigo com presença de espírito. Esse amigo vota pelo parlamentar ausente e depois dá seu próprio voto na mesa de votações avulsas. Aconteceu com o deputado Sarney Filho (PFL-MA). O amigo foi fotografado pela Folha mas continua invisível para a Mesa do Congresso constituinte. O problema com esse tipo de voto é que, descoberto, revela-se um presente de grego.

Voto luzes da ribalta: É uma especialidade dos deputados Siqueira Campos e José Maria Eymael, líderes do PDC, ou dos solitários Messias Soares (PTR) e Arnaldo Faria de Sá (PMB). Líderes de

partidos minúsculos, quando não de si próprios, ele se valem do regimento para brilhar em declarações de voto "em nome da bancada". Serve para aparecer.

Voto Spielberg: É como os filmes do diretor de cinema americano. Ninguém acredita no que está vendo, mas faz o maior sucesso de público. Alcení Guerra (PFL-PR) apresentou uma emenda — a licença-paternidade de oito dias — que parecia tão fantástica como o ET ou Indiana Jones [personagens de filmes de Spielberg]. Emocionou a platéia, provocou risos e lágrimas com sua declaração de voto, e conquistou a maioria. Depois do filme, todo mundo reclamou do preço do ingresso.



Luiza Marques

ALBANO INVENTA O VOTO DESASTRE

Voto desastre: É um pouco pior, para seu autor, que o "me engana que eu gosto" [Leia verbete abaixo]. Além de errar o voto, por ignorância da pauta, o constituinte tem compromisso público com os interesses em jogo. O ruim é que o erro fica tão público quanto o compromisso. Albano Franco (foto) (PMDB-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), ouviu palpite errado e votou pela nacionalização da distribuição de derivados de petróleo. Foi um desastre.

Voto 'me engana que eu gosto': É uma variante do anterior, só que dá errado. O deputado Maurício Campos (PFL-MG) não sabia se apertava "sim" ou "não" quando estava sendo votada a imprescritibilidade

das ações trabalhistas rurais. Instalado na bancada do Centrão, pediu palpite ao colega do lado. Era um deputado do PT. A conservadora União Democrática Ruralista (UDR) não perdoa Campos até hoje.

Voto maria -vai-com -as-outras: É o tipo mais corriqueiro. O constituinte não tem a menor idéia do que está sendo votado. Pede opinião ao líder da bancada ou a alguém bem próximo do líder. José Fernandes (PDT-AM) estava assistindo a um jogo de futebol quando se discutia emenda regulamentando a instalação de usinas nucleares. Votou com o líder a favor da aprovação do Congresso para a instalação de usinas nucleares e voltou ao jogo.

Luiza Marques



'PONTO FUTURO' CONTINUA SEM ROSTO

Voto mercado futuro: Tipo do voto que o personagem Justo Veríssimo, do humorista Chico Anísio, gostaria de aplicar. Foi identificado pelo petista José Genoino, que explicou assim a aprovação do tabelamento de juros em 12% ao ano pelo plenário (foto): Tem gente que votou a favor agora, esperando um agrado para votar contra no segundo turno. Ninguém foi identificado.

Voto recibo: O constituinte tem um compromisso com "as bases" e outro com o chefe político. No painel eletrônico (que é o que conta) ele dá o recibo para o chefe político. Depois corre ao microfone, diz que errou para ficar bem com "as bases". Gil César (PMDB-MG) votou cinco anos para presidente do painel e depois

disse que errou. O governador Newton Cardoso ficou feliz. E guardou o recibo.

Voto ricochete: O sujeito vota no que viu e acerta no que não viu. Lula e Brandão Monteiro engrossaram o batalhão dos presidencialistas, contra a esquerda parlamentarista do PMDB. Acabaram vendo seu esforço desviado para o mandato de cinco anos.

Voto bumerangue: O sujeito vota e depois tem que aguentar as consequências. Quando José Lourenço, Gastone Righi e Bonifácio Andrada levaram o Centrão a derrotar as propostas da CUT, tiveram que aturar, em resposta, a maior campanha pública de que já foram vítimas — os cartazes de "Traidores do povo".

Se suprimidos direitos sociais PT pode não assinar a Carta

Da Reportagem Local

O Partido dos Trabalhadores entende que não tem o compromisso de assinar o texto final da futura Constituição e tende hoje a não referendá-lo. "Pelos indícios que temos, o texto estará longe de atender as reivindicações populares", disse ontem o presidente nacional do PT, deputado federal Olívio Dutra (RS). Na próxima sexta-feira, a Executiva nacional petista se reunirá em Brasília com a bancada do partido no Congresso constituinte para definir os pontos que considera intocáveis dentro das

"conquistas" obtidas até agora pelos trabalhadores no primeiro turno de votação.

Antes da reunião de sexta-feira, o PT deve avaliar com outros partidos que considera "progressistas", movimentos populares e sindicatos a consequência que a não assinatura da futura Constituição poderá trazer. "Com as ameaças de UDR, de empresários e do Centrão de derrubarem os avanços através de emendas supressivas, achamos que a qualidade do texto ficará bastante comprometida", disse Olívio Dutra durante a reunião da Executiva

Nacional encerrada ontem em São Paulo.

Apesar de receber a mobilização popular para assegurar a vitória de suas teses no Congresso constituinte, Dutra reconheceu o fracasso das últimas manifestações de rua que defendiam o mandato de quatro anos para o presidente José Sarney. Para ele, "a desilusão com o discurso mudancista do PMDB e a percepção popular de que a Constituinte é um jogo de cartas marcadas" explicam em parte a situação.

O deputado gaúcho disse também

que a falta de direção do movimento social também tem seu peso na questão. "O PT deve ser o formulador de propostas", declarou, admitindo que o partido não vem cumprindo essa função. Olívio Dutra acredita que o plano de governo petista, que conta com sete comissões trabalhando, deve ser o eixo na luta contra a desmobilização. "Temos de discuti-lo dentro do PT e com as outras forças petistas", afirmou.

Caso de Diadema

Para a Executiva Nacional do PT, o prefeito de Diadema (SP), Gilson

Menezes, cometeu um "equivoco" ao atribuir sua saída da legenda à atuação de "tendências" abrigadas no PT. "E essa diversidade de opiniões que faz a riqueza do PT", analisou Dutra, para quem não existem razões para o partido reexaminar a questão das tendências e grupos clandestinos que participam da militância petista. Já a Executiva Estadual paulista designou uma comissão para conversar com Gilson Menezes antes da reunião extraordinária de quinta-feira do Diretório Estadual, que vai discutir a crise de Diadema.

POLÍTICA NA TV

De segunda a sexta

Vamos Sair da Crise. Gazeta, 23h
Programa Ferreira Neto. Record, 23h25

Hoje

Roda Viva. Cultura, 21h30 - Entrevista com o
brasiliense Thomas Skidmore

Amanhã

Plenário. Manchete, 22h30
Henry Maksoud e Você. Bandeirantes, 24h

Domingo

Crítica e Autocrítica. Bandeirantes, 22h
Debate em Manchete. Manchete, 23h
Debate Nacional. Record, 23h